



Ser “Amélia” não me completa, me esvazia: um debate sobre gênero no Ensino de História

Ketre Michele Rodrigues Kucharski¹

Resumo: O presente artigo refere-se aos resultados parciais da minha dissertação do Mestrado Profissional em História, Pesquisa e Vivências de Ensino – Aprendizagem. Nesse sentido, destaca-se também que este trabalho é uma interpretação dos resultados de uma pesquisa sobre a narrativa dos estudantes a cerca do gênero feminino a partir de produções cinematográficas brasileiras utilizadas no ensino da disciplina de História. Portanto, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais as temáticas de gênero e sexualidade são previstas como temas transversais e devem ser trabalhados em sala de aula. Afinal, essas são questões necessárias de serem problematizadas com os estudantes, pois dizem muito da forma como vivemos e das relações que estabelecemos na atualidade. Além disso, visando a divulgação entre os alunos sobre a nossa sétima arte e proporcionando também a valorização do cinema nacional, foram selecionados os seguintes filmes para a análise de gênero: *Acorda Raimundo, Acorda!*, *Vida Maria*, *Filhas do Vento* e *Olga*. Sendo que o projeto foi aplicado no ano letivo 2013, na turma do nono ano B (oitava série), composta por seis meninas e quatro meninos com uma faixa etária entre 14 e 16 anos de idade, estudantes da Escola Municipal Cidade do Rio Grande (CAIC/FURG) localizada na zona oeste da cidade do Rio Grande/RS. Por fim, baseado na exposição e interpretação dos filmes, nas realizações das tarefas e nas 40 entrevistas feitas por mim através da história oral com os aprendizes, foi possível analisar como esses alunos percebem o gênero feminino na nossa atualidade.

Palavras-chave: Educação, Ensino de História, Gênero Feminino, Filmes.

Abstract: This article refers to the partial results from my Master's degree thesis on History, Research and Teaching Experiences – Learning. Therefore, We must highlight this article is an interpretation of the results of a research on the students' narrative about the female gender based on Brazilian Cinematographic productions used for History classes. Thus, according to the National Curriculum Standards, the themes of gender and sexuality are foreseen as transversal themes and they must be worked out in the classroom. After all, these are necessary questions to be problematized with the students because they say a great deal of the way we live and relationships we establish nowadays. Besides all this, we focus on the disclosure of the Seventh Art among the students and the valorization of the national cinema. The following movies have been selected to gender analyzes: “*Acorda Raimundo, Acorda!*”, “*Vida Maria*”, “*Filhas do Vento*” e “*Olga*”. The Project has been conducted during the school year of 2013 in the “Ninth Year B (eighth grade)” with a group composed of six girls and four boys and their age group being from fourteen to sixteen years old at CAIC/FURG (a city-run school in Rio Grande – RS). Finally, based on the exhibition and interpretation of the movies, assignments and forty interviews made by me through oral history with the learners, it was possible to analyze these students realizing the female gender nowadays.

Key-words: Education, History Teaching, Female Gender, Movies.

Introdução

Na minha trajetória enquanto educadora percebo uma grande carência, nos conteúdos dos livros didáticos de História, referente ao gênero feminino e suas contribuições na história

¹ Mestranda em História (Profissional) Universidade Federal do Rio Grande. Contato: kmkucharski@hotmail.com

da humanidade. Portanto, torna-se fundamental aprofundarmos em sala de aula e nos demais espaços escolares os debates sobre as questões de gênero. Mas principalmente em todas as instâncias da nossa sociedade é necessário rompermos o silêncio sobre o tema gênero.

Nessa perspectiva, é fundamental destacar que apesar das conquistas adquiridas com o passar das décadas, infelizmente ainda percebo que nossa atual sociedade continua tão preconceituosa e machista como quando eu ainda era uma criança. Nesse sentido, principalmente através da mídia, frequentemente nos deparamos com cenas de negros, mulheres e homossexuais sendo vítimas de violência verbal e física.

Diante disso, desafiada por essas adversidades ainda muito presentes no nosso cotidiano, busquei algumas estratégias para refletir em conjunto com meus alunos sobre as questões de gênero. Em meio ao contexto apresentado e objetivando aprofundar significativamente o debate sobre gênero, torna-se necessário refletirmos sobre determinadas problemáticas: é possível trabalhar as questões de gênero no ensino de História? Dialogar sobre o tema gênero pode contribuir na formação da consciência histórica dos aprendizes? Podem os alunos desenvolver uma maior sensibilidade em relação ao machismo enfrentado pelas mulheres na sociedade atual? Como os filmes selecionados para a abordagem do tema e utilizados como recurso didático podem contribuir para a aprendizagem dos alunos?

Nesse sentido, este artigo é uma interpretação dos resultados parciais de uma pesquisa sobre a narrativa dos estudantes a cerca do gênero feminino a partir de produções cinematográficas brasileiras utilizadas no ensino da disciplina de História.

O CAIC e a sua História: um Espaço onde Construo a minha Prática Docente em um Infinito Aprendizado

No dia 18 de maio de 1994 foi inaugurado o CAIC “Cidade do Rio Grande” que está localizado na cidade do Rio Grande, no km 8 da Avenida Itália, no interior da Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

Por meio da união entre a Universidade e a Prefeitura do Rio Grande com um sistema de gestão compartilhada foi construída a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cidade do Rio Grande, a qual compõe o complexo CAIC.

Através de um acordo estabeleceu-se a responsabilidade da Prefeitura do Rio Grande com os recursos humanos e a merenda escolar desse local, enquanto coube a Universidade,

através da Pró-Reitoria de Extensão da FURG, a responsabilidade no gerenciamento administrativo do CAIC.

Portanto, a partir do sistema organizacional do Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) percebe-se que a origem deste local difere-se de muitos espaços escolares. E de acordo com Silva (2014):

O CAIC/FURG constituía um espaço de inquietações, de inconformismo com a situação socioeconômica dos seus sujeitos. Um espaço de lutas, de buscas e de sonhos. Lutas sociais, busca pela cidadania e sonhos coletivos, todos concentrados em um espaço físico que era visto, pela comunidade, como uma possibilidade de um futuro melhor. (SILVA, 2014, p. 57).

Partindo dessa perspectiva, o Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente- CAIC/FURG permanece atendendo mais de dez comunidades economicamente carentes, entre elas, os bairros Castelo Branco I e II, Nossa Senhora de Fátima, Vila Maria e Leônidas. Salienta-se também que essas comunidades enfrentam os mais variados problemas sociais, tais como: habitação inadequada, saúde pública precária e a falta de saneamento básico.

O Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente - CAIC/FURG atende cerca de 890 estudantes através da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto, necessita de uma equipe formada por mais de 120 profissionais que, preocupados com a situação socioeconômica dos sujeitos, procuram atender as necessidades da comunidade escolar. Esta instituição tem como missão proporcionar:

[...] um saber útil a toda a comunidade escolar e a sociedade através de uma proposta pedagógica que acompanhe as necessidades tecnológicas e sociais, valorize a historicidade do aluno, a realidade local, respeite a diversidade, as necessidades cognitiva, psicofísica e social, bem como revele seus princípios éticos e humanos universais, no propósito de contribuir na constituição de um sujeito cidadão dotado de habilidades e competências cognitivas, capaz de gerir conflitos, valorizar a paz, seja em sua dimensão pessoal, social ou profissional. (PROJETO..., 2011, p. 28).

Destaca-se que o centro possui 17 salas para o Ensino Fundamental, sala de informática, atualmente desativada em função de obras necessárias para ampliação do prédio, biblioteca, apoio pedagógico, ginásio de esporte, horta comunitária, teatro, entre outros. Também possui um espaço voltado para a área da saúde através da Unidade Básica da Saúde (UBS), que possui procedimentos de enfermagem, gabinete dentário, consultórios médicos e promovem práticas educativas voltadas à saúde da comunidade escolar.

Nesse mesmo centro, contribuindo no atendimento da saúde e educação, encontra-se o Núcleo de Desenvolvimento Humano (NDH), onde atuam profissionais da área da assistência social, da psicologia, psicopedagogia e pediatria. Além disso, com o objetivo de assegurar o

cumprimento dos Direitos Humanos aos sujeitos envolvidos, também existe nesse mesmo local o Centro de Referências em Direitos Humanos (CRDH).

Vários projetos também são desenvolvidos vinculados ao Programa Mais Educação e possibilitando uma geração de renda aos estudantes, também existe o projeto “Acreditar é Investir” que seleciona os alunos candidatos através de uma análise socioeconômica e perfil dos mesmos para trabalhar num estágio remunerado nos mais variados setores da escola ou da universidade. Nesse sentido, podemos perceber que este local procura promover a inclusão social das comunidades localizadas próximas ao centro CAIC/FURG.

A partir do contexto apresentado, sobre a escola Municipal Cidade do Rio Grande (CAIC/FURG) é possível perceber a diversidade cultural que compõe esse ambiente que em maio deste ano completou 20 anos de lutas, conquistas e sonhos.

Destaca-se também que é nesse mesmo local, diferente de certos espaços escolares por estar localizada no interior da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e pelos seus projetos executados em parceria com essa mesma instituição, que atuo na rede Municipal de Educação como professora da disciplina de História desde o ano de 2009.

Dessa forma, na busca por novos saberes, através da minha formação continuada, assim como, a partir da compreensão e interação com o ambiente em que estou inserida como professora pesquisadora, anseio em minhas práticas educativas desenvolver aulas que possam proporcionar dinâmicas relacionadas com as experiências dos estudantes.

Nesse sentido, minha proposta de trabalho em sala de aula é aproximar os conteúdos da disciplina de História com o cotidiano vivenciado pelos alunos. Para tanto, é necessário levar em consideração os conhecimentos prévios dos estudantes sobre os assuntos abordados na classe, escolher métodos que possam facilitar o processo de aprendizagem e que também permitam uma interação efetiva desses estudantes com o tema abordado.

Vale salientar que, foi principalmente devido às características peculiares desse local que pratica reuniões semanais de formação com professores, que possui uma infraestrutura diferente de muitos espaços escolares e busca promover a inclusão social da comunidade escolar, que escolhi este local para desenvolver o meu projeto sobre a análise de gênero. Além disso, devido à diversidade existente entre os sujeitos inseridos nos ambientes escolares, torna-se necessário aumentarmos o debate sobre gênero nesses locais.

Os Desafios na Disciplina de História na Educação Contemporânea

No Brasil, sabemos que em muitos momentos, os educadores precisam enfrentar o desrespeito e a desvalorização da profissão de professor. Porém para nós educadores da disciplina de História também é necessário superarmos uma visão predominante e distorcida sobre a pouca ou nenhuma necessidade de se aprender esta disciplina, pois para muitos alunos a disciplina de História significa apenas o estudo do passado, sem possuir nenhuma relação com o presente e o futuro. Mas, sobre as relações entre passado, presente e futuro, conforme apresenta Schmidt (2009):

Ensinar história hoje pressupõe ter o tempo como significativo para que o sujeito, a partir de temporalidades diversas, possa perceber que aprender história é reconhecer em outros tempos e sujeitos experiências, valores e práticas sociais. Principalmente é proporcionar ao aluno reconhecer-se enquanto sujeito do seu tempo e com isto conseguir que ele reconheça outros sujeitos em tempos diversos. (SCHMIDT, 2009, p. 106)

Nesse sentido, infelizmente, podemos perceber que vários estudantes se desconhecem enquanto sujeitos históricos de seu tempo, entendendo a História apenas como algo vinculado ao passado, realizada somente por grandes homens, “os heróis da História” e consequentemente, distantes da sua realidade.

Nesse sentido, permaneceu durante muitos anos e ainda permanece em algumas pessoas a ideia de que a História é inalterável e foi construída somente por “grandes homens” da elite dominante. Sendo que esses mesmo “heróis” também foram os únicos responsáveis pela criação da Nação, assim como também seria de sua total responsabilidade os cuidados com futuro destino do país.

Completando essa problemática, através dos métodos de memorização muitos alunos apenas decoram essa matéria que permanece na inexistência de sentido. Segundo as análises de Rüsen (2010): “A metodologia de instrução na sala de aula ainda é um problema importante. [...], o ensino de História em sala de aula tem tendido a se tornar uma atividade mecânica”. (RÜSEN, 2010, p. 33). Portanto, cabe ao professor buscar novas metodologias que estimulem de forma mais atrativa a construção do saber histórico desses alunos.

Porém, infelizmente muitos educadores apenas transmitem os extensos conteúdos de História, encontrados nos livros didáticos, aos alunos de forma pronta e acabada, desconsiderando assim todo um processo de elaboração do conhecimento por parte dos alunos. “Uma das críticas mais pertinentes sobre os métodos tradicionais focaliza a insuficiência deles na formação intelectual ou no desenvolvimento do espírito crítico dos alunos”. (BITTENCOURT, 2009, p. 230.)

Cabe aos educadores romperem com o modelo de aulas tradicionais, onde os professores, muitas vezes por comodismo, apenas transmitem os conteúdos dos livros

didáticos aos alunos, sem proporcionar uma aprendizagem autônoma. Conforme apresentam os Parâmetros Curriculares Nacionais: História- PCNs (1998):

Os métodos tradicionais de ensino - memorização e reprodução – passaram a ser questionados com maior ênfase. Os livros didáticos difundidos amplamente e enraizados nas práticas escolares foram criticados nos conteúdos e nos exercícios propostos. A simplificação dos textos, os conteúdos carregados de ideologias, os testes ou exercícios sem exigência de nenhum raciocínio foram apontados como comprometedores de qualquer avanço no campo curricular formal. (Parâmetros Curriculares Nacionais: história, 1998, p. 28).

Nessa perspectiva, é necessário que os educadores busquem em suas aulas desenvolver metodologias que estimulem os sujeitos envolvidos no ensino-aprendizagem a praticar o ato de pensar historicamente. Conforme destaca Sobanski (2009):

De acordo com a perspectiva da Educação Histórica, os estudantes passaram a ser compreendidos como agentes da sua própria formação, com ideias históricas prévias sobre a História e com várias experiências, assim como o professor passou a ter um papel de investigador constante, necessitando problematizar suas aulas em diversas situações. Nesse sentido, ao contrário do que muitos acreditam, o professor também é um pesquisador. Ele é o historiador que trabalha com documentos e elabora o conhecimento em suas aulas de História. Nesse processo de cognição é a partir do presente de cada um que o conhecimento sobre o passado acontece. (SOBANSKI, 2009, p. 11).

À vista disso, os professores precisam assumir a função de mediadores, procurando sempre relacionar os fatos históricos com o tempo presente, contextualizando, problematizando e destacando as permanências e rupturas históricas apresentadas em nossa atual sociedade.

Dessa forma, as informações que os educadores passam aos educandos precisam ser transformadas em conhecimento e este, por sua vez, deverá ser utilizado na vida prática do aluno. Nesse processo, a disciplina de História precisa dialogar com as experiências vividas pelos estudantes. Nesse sentido, conforme apresenta Rüsen (2010):

Somente quando a história deixar de ser aprendida como mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de respostas e perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que poderá ela ser apropriada produtivamente pelo aprendiz e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana. (RÜSEN, 2010, p. 44)

Sendo assim, minha pesquisa pretende analisar as possibilidades de aprendizagem através do tema gênero nas filmografias, fazendo com que os estudantes percebam-se como sujeitos participativos capazes de interpretar, questionar e relacionar a sociedade em que estão inseridos com algumas questões apresentadas nos filmes trabalhados em sala de aula.

Na Busca por uma Educação Autêntica o Gênero como Proposta

Ao analisarmos as instituições de ensino, sabemos que elas não apenas ensinam conteúdos e produzem conhecimento, mas também potencializam as diversas relações sociais dentro e fora desse espaço contribuindo no processo de formação do caráter dos indivíduos. Conforme apresenta Guaracira Louro (2013): “O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”. (LOURO, 2013, p. 93)

Diante disso, torna-se fundamental compreendermos primeiramente o conceito gênero. Entretanto, também é necessário salientar que existem alguns conflitos entre determinadas autoras na definição de gênero. Segundo Verbena Pereira (2004):

Para algumas autoras que trabalham com o conceito de “sistema sexo/ gênero” o substrato biológico existe e não pode ser esquecido ou driblado teoricamente. Para outras, aquelas que se fundamentam no caráter simbólico arbitrário, o gênero deve ser compreendido radicalmente como uma construção histórico/cultura, portanto, arbitrária, desvinculada do biológico. Nesse contexto, há também teorias que relativizam as duas posições anteriores [...] (PEREIRA, 2004, p. 178).

Assim, podemos identificar a complexidade existente na definição sobre o conceito gênero. Entretanto, saliento a definição sobre gênero segundo as análises de Joan Scott, pois, para essa autora, o gênero pode ser definido de duas formas:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOTT, 1989, p. 21).

Dessa forma, entende-se que homens e mulheres são produtos da sociedade em que vivem, onde o gênero é uma construção social do indivíduo. Sendo que, em toda construção social existe sempre uma relação de poder conforme também destaca a autora.

Nesse sentido, é necessário destacar que o gênero é uma representação social de uma determinada época, portanto, pode ser modificada ao longo do tempo. Conforme apresentam as pesquisas de Louro (2013):

Ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança. Isso supõe que as identidades de gênero estão continuamente se transformando (LOURO, 2013, p. 39).

Também é preciso salientar que cada vez mais esse tema vem ganhando espaço na mídia, através de produções cinematográficas e novelas brasileiras. Assim como, nos meios acadêmicos o assunto vem ganhando espaço e se destacando principalmente através de pesquisas e publicações sobre o mesmo. De acordo com Nilson Dinis (2008):

Diversidade sexual e de gênero também tem sido um tema constante na mídia, através das novelas, do cinema, da publicidade, dos programas de auditório para jovens, das revistas voltadas para o público adolescente etc., o que certamente tem forçado a escola a debater o tema, trazido às vezes espontaneamente pelos/as próprios /as alunos/as. No entanto, essa excessiva discursividade da mídia em relação ao tema nem sempre tem resultado em uma diminuição dos sintomas de sexismo e homofobia. [...] Pois, em um momento histórico em que mais se fala sobre educar para a diferença, vivemos um cenário político mundial de intolerância que se repete também no espaço da vida privada, em determinada dificuldade generalizada em nos libertarmos de formas padronizadas de concebermos nossa relação com o outro. (DINIS, 2008, p. 478-479).

Portanto, devido às diversas cenas de violência que constantemente presenciamos no mundo em que nos cerca, urge cada vez mais a necessidade de dialogarmos, principalmente nas instituições de ensino, sobre as relações de gênero existentes nas famílias, escolas, bairros, comunidades e em todas as instâncias da sociedade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais as temáticas de gênero e sexualidade são previstas como temas transversais e devem ser trabalhados em sala de aula. Contudo, infelizmente esses temas permanecem sendo inseridos nos espaços escolares, principalmente através de projetos de curta duração ou como tema transversal, somente por alguns professores mais preocupados com o significado de tais temáticas na vida dos educandos.

Além disso, torna-se necessário destacar que historicamente a construção do conceito gênero originou-se para dar visibilidade às mulheres que por muito tempo se viram confinadas ao espaço doméstico e submetidas à obediência dos homens de sua família. “A história das mulheres e a história de gênero estão interligadas, este situa-se no campo relacional, porque só se concebe mulheres se elas forem definidas em relação aos homens”. (COLLING, 2004, p.28) E essa relação entre o masculino e o feminino em muitos momentos foi uma construção social opressora para as mulheres.

Nesse sentido, ao longo dos séculos as mulheres estão lutando para conquistar seu lugar na sociedade de forma igualitária aos homens, assim como, o seu reconhecimento enquanto sujeitos históricos que também contribuem para a construção da história local, nacional e universal.

Na busca de uma sociedade justa, que realmente garanta os direitos humanos para todos os indivíduos, torna-se necessário aprofundarmos os diálogos sobre esse tema, evitando assim, perpetuarmos visões equivocadas e preconceituosas sobre as relações de gênero. Segundo as análises de Matos:

Há que se aprofundar a análise não apenas das experiências masculinas e femininas no passado, senão também da conexão entre história passada e prática atual. Na realidade, existem muitos gêneros, muitos “femininos” e “ masculinos”, e temos que reconhecer a diferença dentro da diferença. Desse modo, mulher e homem não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe, etnia, geração e

ocupação devem ser ponderados e inter cruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera, por meio de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas. Sobrevém a preocupação de desfazer noções abstratas de “mulher” e “homem”, como identidades únicas, a - históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações. (MATOS, 1997, p. 107).

De acordo com a autora precisamos compreender que não existe somente o gênero feminino e o gênero masculino, principalmente devido às diversidades que compõem a identidade de cada sujeito. Portanto não podemos generalizar indivíduos a partir de algumas características sem analisar as inter-relações existentes entre homens e mulheres ao longo da história.

E nesse sentido, trabalhar com o tema gênero na sala de aula também pode ser uma possibilidade para a formação do saber histórico de nossos alunos conforme poderemos perceber logo a seguir. Pois, segundo as pesquisas de Pinsky (2010):

Capacitar os estudantes para perceber a historicidade de concepções, mentalidades, práticas e formas de relações sociais é justamente uma das principais funções da História. Ao observar que as ideias a respeito de que é “ser homem” e “ser mulher”, os papéis considerados femininos e os masculinos ou a condição das mulheres, por exemplo, foram se transformando ao longo da história (como e por que), os alunos passam a ter uma visão mais crítica de suas próprias concepções, bem como das regras sociais e verdades apresentadas como absolutas e definitivas no que diz respeito às relações de gênero. Também adquirem uma compreensão maior dos limites e possibilidades dos seres históricos (estudantes entre eles), pois dentro das determinações históricas também é possível fazer escolhas, mesmo em aspectos que, por sua aparente ligação com a biologia, se mostram difíceis de serem mudados (e melhorados). (PINSKY, 2010, p. 32-33).

A partir dessas análises percebe-se a necessidade de trabalharmos em nossas aulas as permanências ocorridas ao longo do tempo no que se refere às relações de gênero. Assim como também apresentar as possibilidades de mudanças nas relações sociais enquanto sujeitos históricos capazes de transformar o ambiente em que vivem a partir de escolhas.

Portanto, por entender que pouco ou quase nada é apresentado nos livros didáticos sobre a ação feminina na história, busquei enquanto professora pesquisadora iniciar minhas pesquisas selecionando as possíveis obras cinematográficas brasileiras que pudessem proporcionar uma análise sobre o gênero feminino. Conforme destacam as pesquisas de Coloda (1972):

O cinema é um poderoso instrumento de cultura e formação. Transmite ideias. Torna próximo o mundo, divulga costumes, levando a conhecer a terra e as pessoas dos diversos meios sociais. Cria laços entre cidades, povos, países. Dá um conhecimento mais profundo dos homens, principalmente no plano psicológico, revelando pessoas que sofrem, lutam, amam, fazendo o espectador participar de seus dramas. Põe o mundo artístico ao alcance de todos, dando ocasião a que outras artes se expressem por meio do cinema. Levanta grandes problemas da vida: o valor da existência, a dignidade humana, a família, Deus etc. (COLODA, 1972, p. 13).

Dessa forma, as informações apresentadas para os alunos a partir das imagens e dos diálogos anunciados nos vídeos selecionados para a pesquisa podem propiciar momentos de reflexão sobre os valores e sentimentos humanos, estimular o senso crítico sobre os problemas sociais existentes e fomentar novas interpretações sobre o mundo em que estamos inseridos.

Destaca-se que foi um longo processo a escolha dos possíveis filmes nacionais que poderiam ser utilizados em minhas pesquisas sobre gênero. Minha proposta sempre foi trabalhar apenas com produções cinematográficas brasileiras, pois as mesmas facilitam a compreensão dos alunos que em seu cotidiano utilizam-se do mesmo idioma apresentado nessas obras, desconsiderando assim, a necessidade de empregar legendas nesses filmes.

Portanto, visando assim, valorizar nossa 7ª arte como um recurso didático viável, porém pouco conhecido em diversos espaços escolares que preferem ainda trabalhar mais com produções cinematográficas estrangeiras. Sendo que, apesar dessas obras possuírem significativa qualidade artística, elas também acabam apresentando em suas histórias uma cultura em muitos momentos bem diferente da nossa realidade.

Entretanto, ao longo dessa trajetória, fiz algumas modificações na minha proposta de pesquisa e resolvi utilizar também curtas-metragens, os quais, pudessem se adequar melhor a realidade da comunidade escolar, proporcionando assim, resultados mais significativos no projeto.

Nessa mesma perspectiva, para uma melhor compreensão sobre a análise de gênero a partir dos filmes selecionados por mim, também fez-se o uso da oralidade na pesquisa, ou seja, através da metodologia da história oral foram realizadas as entrevistas pela educadora com seus educandos. De acordo com MEIHY (1996):

[...] a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nesta medida, a história oral só oferece uma mudança para o conceito de história, mas mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentir-se parte do contexto em que vivem (MEIHY, 1996, p. 10).

Portanto, a partir dessa metodologia, foi possível proporcionar aos alunos outras formas de refletir sobre a relação entre a sociedade em que estão inseridos, analisando as experiências provenientes do cotidiano e os filmes assistidos e a participação deles no processo de ensino e aprendizagem. Pois, “a história oral é concebida como um meio para a (re)construção de identidades e de transformação social”. (FERREIRA, 2009, p.93)

Posteriormente, na continuidade desse trabalho em desenvolvimento, também poderemos perceber de forma mais abrangente os resultados dessa pesquisa através utilização da história oral.

Nesse sentido, segundo as análises de Meihy (2013) destaca-se que: “assim, a história oral ganha destaque entre as possibilidades de se pensar registros e estudos de grupos silenciados de diversas maneiras e dos excluídos dos mecanismos de registro da história e demais disciplinas” (MEINY, 2013, p.107).

Diante dessa observação, nas minhas análises sobre gênero foi possível perceber que a metodologia da história oral realizada geralmente na biblioteca da escola Cidade do Rio Grande (CAIC/FURG) gerou momentos de nervosismo em alguns estudantes que nunca haviam participado de nenhum projeto sobre o assunto.

Entretanto, para a maioria dos educandos as entrevistas ocorriam de forma mais descontraída, possivelmente representavam um momento de alívio por poderem falar sobre o que vivenciam e o que pensam das atuais relações entre mulheres e homens, relacionando-as com as histórias apresentadas nos filmes assistidos. Portanto, conforme salienta Verena Alberti (2004):

Cabe ao pesquisador que trabalha com entrevistas de história oral atentar para a preciosidade de unidades narrativas [...] porque elas são capazes de comunicar experiências que vão além de trajetória particular de determinado entrevistado, dando conta de formas de elaborar o mundo próprias a uma geração, [...] (ALBERTI, 2004, p. 110-111)

Destaca-se, que para conseguir chegar aos resultados das minhas pesquisas sobre a análise de gênero a partir de produções cinematográficas, após a realização de todas as 40 entrevistas, também foi necessário realizar a transcrição das mesmas.

Dessa forma, proporcionando uma maior percepção dos alunos enquanto sujeitos históricos, para a realização da pesquisa sobre a análise de gênero foram selecionados quatro filmes nacionais “Acorda Raimundo, Acorda” (1990), “Vida Maria” (2006), “Filhas do Vento” (2005) e “Olga” (2004).

Ao serem selecionados e analisados os filmes, foi possível compreender que a proposta inicial dos produtores dessas obras citadas acima não era especificamente abordar apenas as questões sobre o gênero. E nesse sentido, também se verificou que estas quatro obras cinematográficas utilizadas como elemento educativo proporcionavam um leque de possibilidades no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Conforme apresentam as pesquisas de Napolitano (2011):

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o

lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar. O importante é o professor que queira trabalhar sistematicamente com o cinema se perguntar: qual o uso possível deste filme? A que faixa etária e escolar ele é mais adequado? Como vou abordar o filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual a cultura cinematográfica dos meus alunos? (NAPOLITANO, 2011, p. 11-12).

Partindo dessa perspectiva, o professor pesquisador que comprometer-se na seleção e utilização do cinema em sala como um instrumento didático eficaz na educação contemporânea estará possibilitando um aprendizado muitas vezes mais envolvente e significativo aos seus educandos que estão acostumados com diversas tecnologias no seu cotidiano. Nesse sentido, Souza (2010) em sua proposta de pesquisa sobre a utilização do cinema nas aulas de História, destaca que:

[...] é a defesa da utilização dos filmes em sala de aula a partir de uma seleção crítica do material por parte do professor, utilizando as produções cinematográficas como fontes, textos geradores, ou objetos de análise, propondo análises destes filmes aos alunos, como forma de inovar, diversificar, dinamizar, e tornar mais produtivas as aulas de História. É o que se costuma chamar de “bom uso das ferramentas audiovisuais”. (SOUZA, 2010, p. 26)

A partir dessa premissa, ao trabalhar com o cinema em sala de aula estamos aproximando os alunos de uma aprendizagem mais lúdica. Além disso, “é por meio de suas diversas linguagens que o cinema coloca à mostra as relações do adolescente com ele mesmo, o outro, a sociedade o mundo” (PIMENTEL, 2011, p. 22).

Portanto, a utilização desse recurso pode auxiliar no processo de formação do caráter dos adolescentes que através da interpretação das imagens apresentadas pelos filmes podem enriquecer o seu senso crítico e moral. Também de acordo com as análises de Pimentel (2011):

O cinema surge como oportunidade de colocar ao adolescente outros desafios que atuem como filtros prazerosos no contato que ele tem com o mundo, estimulando seu desejo de saber que depende de representações das práticas e não de discursos distanciados da vida. Com o cinema, por meio dos efeitos que provoca, o adolescente pode reconhecer, na medida em que for capaz de observar a si mesmo, novas oportunidades e desejos de alterar suas condutas. (PIMENTEL, 2011, p. 183)

No entanto, ao pensarmos na utilização dos filmes históricos como um recurso didático para o ensino da disciplina de História precisamos destacar alguns cuidados necessários sobre certas informações apresentadas nessas produções cinematográficas. Conforme as análises sobre a relação entre cinema e história, Napolitano (2011) destaca em sua obra que:

Trata-se de refletir acerca da capacidade de reflexão histórica proposta pelo cinema, a partir de sua linguagem própria, sem cobrar dos filmes uma encenação fidedigna dos eventos ocorridos. É como material fragmentado, parcial e muitas vezes anacrônico em relação aos eventos representados, que o filme pode se revelar como

documento histórico da época e da sociedade que o produziu. (NAPOLITANO, 2011, p. 84).

Nesse sentido, de acordo com o autor citado acima, os filmes históricos utilizados no ensino da disciplina da história são apenas a representação de um evento ocorrido antigamente. Portanto, não devem ser apresentados como uma forma fidedigna do passado para os nossos educandos.

Considerando o que foi aqui exposto até o momento, podemos perceber que atualmente a utilização desse recurso didático em sala de aula oferece muitas possibilidades no campo da educação, principalmente na disciplina de História. Conforme salienta Bittencourt (2009):

Atualmente, com a contribuição de vários estudos interdisciplinares de antropólogos, linguistas, sociólogos e demais teóricos da comunicação, os historiadores podem dispor de uma metodologia mais abrangente para analisar tanto filmes de ficção como documentários ou filmes científicos [...]. Com base na proposta metodológica dos especialistas da área, podemos repensar um método de ensino adequado sobre o uso de filmes na escola. Fica evidente que não existe um modelo simplificado para introduzir os alunos na análise crítica da imagem cinematográfica, mas pode-se destacar a impossibilidade de deter-se apenas na análise do conteúdo do filme. É preciso ir além (BITTENCOURT, 2009, p. 375).

Nesse sentido, sabendo que o cinema funciona como um meio de representação ou interpretação sobre determinado assunto, aprofundar o debate sobre o gênero nas aulas de História, através de produções cinematográficas, torna-se no mínimo viável nas práticas de ensino.

Para tanto, trabalhar com filmes como recurso didático e dialogando com a metodologia da história oral pode contribuir significativamente nos resultados das investigações sobre gênero. Dessa forma, de acordo com Barros (2012):

O cinema apresenta-se como tecnologia adicional para a história oral_ acrescentando uma nova dimensão à coleta de depoimentos_ [...] A fonte fílmica, que, aliás, integra ao discurso verbal as dimensões da visualidade e da oralidade, enquadra-se compreensivamente no mesmo movimento de expansão de temáticas e de possibilidades de novas fontes historiográficas. (BARROS, 2012, p. 60-61)

Por fim, é necessário destacar que os resultados dessa pesquisa sobre gênero feminino a partir dos filmes utilizados como recursos didáticos na sala de aula e a participação das seis alunas e dos quatro alunos também nas entrevistas realizadas através da metodologia da história oral, serão melhores analisados na continuidade das minhas pesquisas. Nesse sentido, também será possível refletir sobre qual foi o significado desse estudo sobre gênero na vida desses educandos.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em história oral**/ Verena Alberti._Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BARROS, José d' Assunção. In: **Cinema-história: teoria e representações sociais no cinema**/ Jorge Nóvoa e José D' Assunção Barros. -3.ed.- Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história**/ Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**/ Circe Maria Fernandes Bittencourt_3. Ed._São Paulo: Cortez, 2009_ (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental/ coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).
- COLLING, Ana. A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. In: **Gênero e cultura: questões contemporâneas**/ organizadoras Marlene Neves Strey, Sonia T. Lisboa Cabeda, Denise Rodrigues Prehn. _ Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- COLODA, Santos Carlos. **Cinema e TV no ensino**/ por / Santos Carlos Coloda / e / Itamar Navildo Vian. Porto Alegre, Sulina/ 1972/.
- DINIS, Nilson Fernandes. Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol.29, n.103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em:<<http://www.cedes.unicamp.br>>
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Aprendendo História: reflexões e ensino**/ Marieta de Moraes Ferreira, Renato Franco._ São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- LOURO, Guaracira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**/ Guaracira Lopes Louro. 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MATOS, Maria Izilda S. de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros- percursos e possibilidades. In: **Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea**/ Eni de Mesquita Samara, Rachel Soihet, Maria Izilda S. Matos; orgs. Maria Izilda S. Matos, Maria Angélica Soler. _ São Paulo: EDUC, 1997.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: Como fazer, como pensar**/ José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. - 2. ed. , 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2013.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**/ Marcos Napolitano. 5. ed. _São Paulo: Contexto, 2011.

_____, Marcos. A escrita fílmica da história e a monumentalização do passado: Uma análise comparada de Amistad e Danton. In: **História e cinema: Dimensões históricas do audiovisual** [organizadores] Maria Helena Capelato... [et al.] .2ª Ed. São Paulo: Alameda, 2011.

PEREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: Dilemas de um conceito. In: **Gênero e cultura: questões contemporâneas**/ organizadoras Marlene Neves Strey, Sonia T. Lisboa Cabeda, Denise Rodrigues Prehn. _ Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PIMENTEL, Lucilla da Silveira Leite. **Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas**/ Lucilla da Silveira Leite Pimentel. _ São Paulo: Cortez, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi. In: **Novos temas na sala de aula**/ Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). _ 1. Ed., 2ª Reimpressão. _ São Paulo: Contexto, 2010.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, Escola Municipal Cidade do Rio Grande, 2011.

Rüsen, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica** / Jörn Rüsen; tradução de Estevão de Rezende Martins. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª reimpressão, 2010.

_____. Jörn. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. (Org. Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca & Estevão de Rezende Martins). Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**/ Maria Auxiliadora Schmidt, Marlene Cainelli. _ São Paulo: Scipione, 2009. (coleção Pensamentos e ação na sala de aula)

SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil de análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. Texto original Joan Scott _ Gender: a useful category of historical analyses, Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

SILVA, Janice Rubira. **Nas profundezas do mar de oportunidades: um estudo etnomatemático**. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional de Matemática)-Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SOUZA, Éder Cristiano de. O que o cinema pode ensinar sobre a História? Ideias de jovens alunos sobre a relação entre filmes e aprendizagem histórica. In: **História & Ensino**, Londrina, v. 16, n.1, p. 25-39, 2010.

SOBANSKI, Adriane de Quadros. **Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções: metodologia, Ensino Médio**/ Adriane de Quadros Sobanski. [et al]. Curitiba: Base Editorial, 2009.